



AS IMPLICAÇÕES DO CONCEITO DELEUZIANO DE RIZOMA NA NOÇÃO DE CONHECIMENTO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO ¹

Luis Victor Souza Albuquerque Aragão

Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

victor.albuquerque@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa o conceito de rizoma, formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que propõe uma nova compreensão do conhecimento ao romper com modelos hierárquicos e lineares. O objetivo é investigar as implicações dessa abordagem no mundo contemporâneo. A metodologia apoia-se em uma pesquisa teórica e qualitativa da introdução de *Mil Platôs*, com foco nos seis princípios fundamentais do rizoma, alinhada ao estudo do texto de Diosana Frigo, “A circulação da “fala de Jair Bolsonaro”: o mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em midiatização”. Diferente do modelo “arborescente”, focado em raízes únicas e estruturas fixas, o rizoma constitui um sistema aberto, descentralizado e em constante transformação. Na contemporaneidade, essa perspectiva se reflete na dinamização dos saberes, que se conectam sem hierarquia predefinida e formam redes de informação (como a própria Internet). O conhecimento deixa de ser uma busca por verdades absolutas para tornar-se uma cartografia de intensidades, ampliando a visão do saber como algo plural e interconectado. Por fim, o estudo evidencia

¹ Este artigo é fruto de um trabalho de iniciação científica PIBIC/CNPq desenvolvida no projeto “Existência estética em Deleuze”. Aproveito para expressar meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Leandro Lelis, pelo suporte constante, paciência e valiosas orientações que foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

que o rizoma é essencial para superar as limitações dos modelos tradicionais de ensino e aprendizagem. Ao promover uma perspectiva descentralizada, o conceito valida a complexidade atual e consolida o conhecimento como um processo contínuo de experimentação e interconexão.

Palavras-chave: Deleuze. Rizoma. Conhecimento. Filosofia contemporânea.

Abstract: This paper analyzes the concept of rhizome, formulated by Gilles Deleuze and Félix Guattari, which proposes a new understanding of knowledge by breaking away from hierarchical and linear models. The goal is to investigate the implications of this approach in the contemporary world. The methodology relies on theoretical and qualitative research of the introduction to *A Thousand Plateaus*, focusing on the six fundamental principles of the rhizome, aligned with the study of Diosana Frigo's work *The Circulation of Jair Bolsonaro's 'Speech': the Rhizomatic Map of an Event in Mediatized Society*. Unlike the 'arborescent' model, focused on single roots and fixed structures, the rhizome constitutes an open, decentralized, and constantly changing system. Nowadays, this perspective shows up in the way knowledge is being energized, connecting without any predefined hierarchy and forming networks of information (like the Internet itself). Knowledge stops being a search for absolute truths and becomes more like a map of intensities, expanding the idea of knowledge as something plural and interconnected. Finally, the study highlights that the rhizome is essential to overcome the limits of traditional teaching and learning models. By promoting a decentralized perspective, the concept embraces today's complexity and reinforces knowledge as an ongoing process of experimentation and connection.

Keywords: Deleuze; Rhizome; Knowledge; Contemporary Philosophy.

Introdução

Podemos iniciar a nossa discussão com uma imagem secular acerca de como o pensamento ocidental fundamentou o conhecimento. Balizada pelo racionalismo cartesiano, trata-se de uma árvore, em que existia uma forte raiz principal, da qual tudo se originava, e essa raiz, por sua vez, se conectava ao tronco, que, por conseguinte, se interligava aos galhos, estes desconexos entre si, e, por mais que os próprios galhos se ramificassem e crescessem, ainda pediam uma forte unidade: a raiz principal. Em tempos hodiernos, esse tipo de compreensão epistemológica acaba tornando-se insuficiente. Pois, com a forte inconstância, multiplicidades e capacidade de conexão entre determinado saberes, existe a necessidade de uma nova forma de disposição, que abarque todo o ambiente, sem pender às hierarquias, às verticalidades e à unidade como substantivo. A nova imagem do conhecimento, agora geográfica, é capaz de retirar a multiplicidade do papel de adjetivo e conferir a ela o caráter de substantivo, estabelecendo uma nova maneira de reger o saber e as suas conexões.

Pensando nisso, Gilles Deleuze e Félix Guattari trazem na obra *Mil Platôs* (segundo livro da coletânea *capitalismo e esquizofrenia*), especificamente na introdução, o conceito de *rizoma*. Rizoma é um termo pertencente à área da botânica, uma espécie de caule subterrâneo, que se distingue da raiz, a qual bem se conhece, cresce de forma vertical e todas suas ramificações originam-se de um caule principal; por mais que outros caules nasçam de ramos secundários, esses ainda existem a partir dele, criando-se uma hierarquia. Se o caule principal for extraído, toda a estrutura que dele se origina morre.

O rizoma, por sua vez, cresce horizontalmente e não há consigo uma raiz principal da qual todos os outros se originam. Ele tem vários ramos com nutrientes, e cada um tem suas próprias especificidades; alguns são mais finos, contendo menos nutrientes, outros mais grossos,

com uma maior qualidade nutritiva. Cada ramo tem a capacidade de se conectar a qualquer outro. Nele não há a hierarquização da raiz e, quando qualquer ramo se rompe do rizoma, sendo fino ou grosso, o sistema rizomático continua existindo. Sem se submeter à unidade, o rizoma é multiplicidade, sustenta-se e se mantém enquanto múltiplo. De acordo com essas características, o rizoma acaba adquirindo “formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 14). Exemplos claros de rizoma são a grama e a bananeira.

Observando a definição desses termos, Deleuze e Guattari adotam o conceito de rizoma para explicar a complexidade das relações e conexões que regem o mundo. Essa transposição da biologia para a filosofia permite que o rizoma deixe de ser apenas uma descrição factual de caules vegetais e se transforme em um operador filosófico. Eles recorrem à especificidade da botânica e mostram que a própria natureza não funciona apenas pela lógica linear de uma árvore, mas sim por conexões transversais (como a grama e a bananeira), transformando isso em um componente fundamental para a própria produção do conhecimento.

1 O modelo arborescente

A filosofia ocidental nasceu com certa obsessão pela procura de uma unidade primordial onde se funda o conhecimento. Ao instaurar a separação entre o mundo sensível e o inteligível, Platão cria a dualidade e a hierarquização do conhecimento. Para ele, todo o conhecimento se origina no mundo inteligível dos conceitos (mundo das ideias), assim como o próprio ser humano, que, ao nascer, tem sua memória apagada e aos poucos, através de seus sentidos e estudos, vai lembrando e

retornando o acesso ao mundo das ideias. Tudo que existe no mundo sensível é apenas uma imitação dos conceitos que residem no inteligível. Pode-se observar explicitamente esse pensamento no trecho do Livro VII da obra *A República*, que narra o Mito da Caverna, após Sócrates apresentar a Glauco a célebre afirmação de que as ideias se originam de um lugar específico:

[...] A região revelada deveria ser comparada à morada, que é a prisão, e a luz da fogueira nela ao poder do sol. E se considerares a subida e a contemplação das coisas acima como a ascensão da alma à *região inteligível*, terás captado o que espero transmitir, uma vez que isso é o que queres ouvir [...]. De qualquer modo, o que a mim se mostra é que no domínio do cognoscível, a *Ideia do bem* é a última coisa a ser vista, sendo atingida somente com dificuldade; entretanto, uma vez que alguém a tenha contemplado, será imperioso concluir que é a causa de tudo que é correto e belo em quaisquer coisas, produzindo a luz e sua fonte na região visível e na região inteligível comandando e gerando verdade e entendimento, de sorte que todos que se predispõem a agir com sensatez privada ou publicamente têm dela percepção (Platão, 2019, 517b-c).

Esse pensamento foi uma das principais elaborações de Platão para engendrar como o conhecimento foi fundamentado em uma perspectiva dualista e hierárquica, balizando, durante séculos, o campo da epistemologia ocidental.

René Descartes (conhecido como o pai da filosofia moderna), séculos depois, viveu em um período de transição, no qual o pensamento medieval começava a ser substituído pelo racionalismo e pelo método científico. Ele buscou estabelecer uma base sólida para o conhecimento e, assim, criou a metáfora da árvore, que seria a estrutura metodológica de como o conhecimento deveria ser organizado.

Tomando a filosofia como ferramenta sistemática para a compreensão da realidade, ele disse:

Assim, a Filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a Metafísica, o tronco a Física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências, que se reduzem a três principais: a Medicina, a Mecânica e a Moral, entendendo por Moral a mais elevada e mais perfeita, porque pressupõe um conhecimento integral das outras ciências, e é o último grau da sabedoria. (Descartes, 1997, p. 22).

Os sistemas filosóficos de Platão e Descartes são dois dos principais expoentes que revelam como o pensamento ocidental foi tradicionalmente erigido a partir do modelo arborescente da árvore-raiz. O conhecimento arborescente é marcado por uma estrutura hierárquica, dualista e linear, com a necessidade de recorrer a um fundamento centralizado e estável. Para Deleuze e Guattari, “a árvore ou a raiz inspiram uma triste imagem do pensamento” (1995, p. 25). Eles citam a tristeza não apenas como um sentimento, mas como a definição (fortemente influenciada por Baruch Spinoza) de diminuição da força de agir e pensar, pois esse modelo age como um mecanismo de limitação da potência criativa e cognitiva do ser humano. Vale ressaltar três principais problemas estruturais que compõem esse modelo: a falsa multiplicidade (dualidade), a hierarquia (lógica ditatorial) e o decalque (incapacidade de experimentação).

A árvore-raiz traz uma falsa sensação de multiplicidade, pois ela é incapaz de conceder o múltiplo em seu estado puro. O que realmente acontece no modelo arborescente é uma lógica binária, do “um que se divide em dois”, do dois que se divide em quatro e assim por diante. Apesar de criar várias ramificações, esse sistema pende para uma forte unidade principal e hierarquizada. Portanto, o que parece ser múltiplo

(vários galhos e raízes) é apenas o desdobramento e a repetição de um pivô central, que dita as regras do sistema.

Por conseguinte, como o modelo arborescente é dualista e tudo se origina a partir do uno, é imprescindível que esse sistema exista de forma hierárquica. Nele, encontra-se uma imagem “triste”, pois sempre será preciso validar e produzir ideias a partir de um eixo centralizador – como o cogito na filosofia clássica. Assim, as ramificações da árvore-raiz se tornam totalmente dependentes de uma hierarquia, pois todos os galhos nasceram e vingarão a partir de um pivô, a raiz principal.

Não obstante, um sistema em que se preocupa em encontrar uma raiz principal, e a partir disso desenhar galhos (consequência lógica), não é um sistema criador, ele apenas “consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 25).

2 O rizoma como oposição ao modelo arborescente

Deleuze e Guattari rejeitam o pensamento arborescente, pois o consideram uma imagem de um pensamento dogmático, engessado e hierárquico, que aprisiona a vida e a criação. É justamente em oposição a esse modelo que eles criam o rizoma, uma proposta de método pragmático e micropolítico para engendrar formas flexíveis de existência, pensamento e cuidado que recusem o controle centralizado e valorizem o poder das redes e das coletividades.

O rizoma atua como um “sistema aberto, descentrado, sem começo nem fim” (Matos, 2021, p. 273). Em vez de se submeter aos sistemas de filiação fundados no verbo “ser”, ele opera pela conjunção “e... e... e...”, pondo em interação “elementos heterogêneos por natureza (sexualidade, animal, vegetal, mundo, livro, política, coisas naturais ou artificiais etc.)” (Matos, 2021, p. 273) e afirmando a multiplicidade no

lugar do uno. O rizoma é composto por *platôs*. (“Um platô é “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 32) Com isso, o rizoma rompe com os fins transcendentais da tradição ocidental. Portanto, trata-se de uma ferramenta de experimentação prática com o real, fundada em “relações imanentes que se compõem sem a primazia do sujeito” (Matos, 2021, p. 273), substituindo a cópia estática e decalcada pelos devires transversais, como a simbiose entre a vespa e a orquídea.

Para melhor estruturar o conceito de rizoma, Deleuze e Guattari, o divide em seis princípios fundamentais: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania. Passemos em revista por cada um deles

1º e 2º – Conexão e heterogeneidade: explicam que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze e Guattari, 1995, p.15). Não existe uma origem que disponha uma ordem sequencial obrigatória. Por conter essa estrutura, o rizoma tem a capacidade de conectar elementos de natureza completamente distinta. Ele conecta cadeias semióticas (uma rede heterogênea de signos, atos, percepções e fluxos que se conectam continuamente sem estarem restritos apenas ao domínio da linguagem falada ou escrita) diversas “a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas”. (Deleuze e Guattari, 1995, p.15).

3º – Multiplicidade: trata o múltiplo como substantivo puro, quando “ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo”. (Deleuze e Guattari, 1995, p.15) Ela é constituída somente por linhas, além de ser plana (funciona em um “plano de consistência”). Para Deleuze e Guattari

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. (Deleuze e Guattari, 1995, p.13-14)

4º - Ruptura a-significante: o rizoma, em vez de ser destruído ao ser cortado, se reconecta e recomeça a brotar segundo suas próprias linhas de fuga ou novas linhas. Deleuze e Guattari complementam que

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (Deleuze e Guattari, 1995, p.17).

5º e 6º - Cartografia e Decalcomania: o rizoma é um mapa voltado inteiramente para a experimentação com o real. O mapa é aberto, desmontável, reversível, conectável em todas as suas dimensões e possui múltiplas entradas e saídas. Ele constrói o inconsciente e o desejo, em vez de tentar explicá-los por um modelo pré-pronto. Opondo-se ao mapa, o decalque (foto, cópia) reduz o rizoma a algo estático, fechado e repetitivo. O decalque pega a fluidez do mapa e a “achata” sobre um eixo genético ou hierárquico, bloqueando as saídas e a produção do desejo. Entretanto,

é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa. E esta operação não é de forma alguma simétrica à precedente, porque, com todo o rigor, não é exato que um decalque reproduza o mapa. Ele é antes como uma foto, um rádio que

começaria por eleger ou isolar o que ele tem a intenção de reproduzir (Deleuze e Guattari, 1995, p.17).

Por fim, o rizoma articula-se com base nos encontros, nos devires e na experimentação direta com o fora convidando-nos a abandonar a busca por fundamentos imóveis para habitar a potência transformadora do meio (*intermezzo*).

3 A importância do Rizoma na sociedade contemporânea

Ao compreender as multiplicidades das relações no mundo contemporâneo a partir do conceito de rizoma, Deleuze e Guattari nos fazem perceber que o conhecimento se tornou algo extremamente dinâmico. Hoje, os diferentes saberes tendem a se conectar sem uma hierarquia definida, criando redes descentralizadas de informações. O exemplo mais nítido dessa estrutura rizomática é a própria Internet. A *Web* não tem um “cérebro” central; ela é feita de bilhões de conexões que mudam a cada segundo. Nela, o conhecimento não é mais uma busca por fundamentos rígidos ou verdades últimas e imutáveis. Em vez disso, o que se pode observar é uma cartografia de intensidades, onde o saber é plural, interconectado e está em constante transformação. Essa mudança de paradigma é fundamental.

O artigo de Diosana Frigo (2018), intitulado *A circulação da "fala de Jair Bolsonaro": o mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em midiatização*, demonstra a importância contemporânea do conceito de rizoma para compreender a dinâmica da comunicação, das mídias digitais e dos processos sociais atuais.

Em tempos hodiernos, qualquer usuário pode ramificar um fato, adicionando críticas, defesas, ressignificações ou memórias sociais. O rizoma traduz essa propriedade em que cada ponto se conecta a outros

e gera novas dimensões ativas sem depender de uma centralidade. Segundo Frigo, é possível ver como é limitante

[...] a estrutura dicotômica produção-recepção se partimos do pressuposto que estamos em uma sociedade em mediação, em que a circulação de sentidos ultrapassa a lógica polarizada antes referida. Não há como analisarmos nosso objeto de pesquisa [...] sem olharmos para a sua própria complexidade, o que nos aproxima de uma estrutura rizomática... (Frigo, 2018, p.9)

A partir do seu artigo, é possível encontrar e correlacionar todos seis princípios fundamentais do rizoma principalmente na sociedade em mediação.

Conexão e heterogeneidade evidencia que as relações sociais e comunicacionais contemporâneas são construídas por conexões múltiplas e diversas. Frigo, ao dizer “[...] partimos do pressuposto de que a circulação na sociedade em mediação está próxima do que os autores denominam como rizoma [...]” (Frigo, 2018, p. 2), sustenta a tese de que a dinâmica de circulação comunicacional contemporânea funciona com a mesma lógica conectiva e aberta de um rizoma, assim como reforça o princípio da heterogeneidade, mostrando como redes digitais, produtores, receptores e discursos heterogêneos se conectam no fluxo mediado.

Multiplicidade: Mostra que a mediação funciona como um rizoma porque os sentidos se multiplicam em ramificações à medida que passam pelos receptores, superando a relação linear ou binária tradicional (produtor-receptor).

Mais uma vez, é assim o processo que se dá na circulação de sentidos: de forma múltipla, com linhas de articulação, sem necessariamente haver um início ou um fim, pois cada vez que um receptor recebe tal acontecimento, por exemplo, passa

adiante através do seu entendimento sobre os sentidos postos, ou seja, ramifica-se o que recebeu, fugindo da lógica binária que poderia ser considerada a árvore-raiz na relação produção-recepção no processo comunicacional. (Frigo, 2018, p. 5-6)

Ruptura a-significante: Na sociedade em midiatização, isso se reflete no fato de que o fluxo comunicacional não segue um caminho único ou estático; ele sofre rupturas, desterritorializações e retoma novas dimensões à medida que a recepção e outros atores intervêm na narrativa.

Cartografia e decalcomania: a circulação de sentidos e discursos no ecossistema de mídias não segue uma estrutura rígida predefinida, funcionando como um mapa em constante produção e revisão. Nas considerações finais, a autora assume que analisar a circulação na sociedade em midiatização exige cartografar o processo enquanto ele acontece, sem fixar pontos definitivos de início ou término:

O que nos faz, novamente, ratificar que o mapa que construímos é inicial e que devemos estar atentos aos meios em detrimento de um começo ou final da circulação da 'fala', ou seja, olharmos para as partes com o intuito de entendermos o todo complexo. (Frigo, 2018, p.17)

Por fim, o artigo evidencia que o conceito de rizoma oferece uma perspectiva dinâmica para compreender a complexidade do mundo contemporâneo, marcado por conexões descentralizadas, multiplicidade de relações e permanente produção de novos sentidos. Ao promover uma perspectiva descentralizada e não hierárquica, o rizoma valida a complexidade característica do mundo contemporâneo e consolida a visão de que o conhecimento não é algo estático, mas sim um processo contínuo de experimentação e interconexão. O rizoma, enquanto método de experimentação do real, escapa da lógica de organização do

mundo em estruturas rígidas e permite assumir a vida como uma rede complexa, desorganizada e incrivelmente conectada.

Conclusão

A investigação desenvolvida ao longo deste estudo inicial permitiu compreender como o modelo epistemológico tradicional tornou-se insuficiente para dar conta das dinâmicas do conhecimento na contemporaneidade. A obsessão ocidental pela busca de uma unidade primordial, por fundamentos rígidos e por estruturas hierárquicas e dualistas tendeu a engessar a produção cognitiva, reduzindo a multiplicidade ao papel de mero adjetivo dependente do uno. Essa perspectiva arborescente, ao pautar-se pela lógica da divisão binária e do decalque, limitou a capacidade criativa e experimental do pensamento.

Em contraposição a esse pensamento dogmático, a transposição do conceito botânico de rizoma realizada por Gilles Deleuze e Félix Guattari emerge como uma resposta filosófica indispensável. Operando pelos princípios da conexão, heterogeneidade, multiplicidade (n-1), ruptura a-significante, cartografia e decalcomania, o rizoma descentraliza a construção do saber. Ele substitui a rigidez do verbo “ser” pela abertura conjuntiva do “e... e... e...”, validando um sistema aberto, plano e em constante transformação, no qual qualquer ponto pode se conectar a outro sem a exigência de um pivô centralizador.

A relevância prática e analítica desse operador filosófico foi evidenciada ao se examinar a sociedade contemporânea em midiatização. Conforme demonstrado, a partir da análise da circulação dos discursos no ambiente digital, o ecossistema comunicacional e as redes de informação (como a Internet) não mais comportam a chave de leitura polarizada, hierárquica e linear entre produção e recepção. Os sentidos e saberes ramificam-se em fluxos abertos e multidirecionais,

confirmando que o conhecimento hodierno se constitui como uma verdadeira cartografia de intensidade.

Em suma, o rizoma consolida-se não apenas como uma alternativa teórica, mas como uma urgência metodológica para os tempos atuais. Superar o modelo espistêmico ocidental e tradicional contemporâneo exige abandonar a ilusão de fundamentos estáticos e a tentativa de enquadrar a realidade em categorias rígidas, assumindo o saber em sua dimensão viva, plural, descentralizada e em constante processo de experimentação e interconexão.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995. ISBN 85-85490-49-7.

DESCARTES, R.. *Princípios da Filosofia*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997. ISBN 972-44-0967-8.

FRIGO, D. A circulação da “fala de Jair Bolsonaro”: o mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em midiatização. *Anais do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, [S. l.], v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <https://anais.midiaticom.org/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/204>.

MATOS, L. L. *Estética e dessubjetivação em Deleuze*. Belo Horizonte: UFMG, 2021. Tese de doutorado

PLATÃO. *A República: (ou Da justiça)*. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2019.